

O MITO E O RITO NA ESPIRITUALIDADE INDÍGENA: UMA VISÃO A PARTIR DOS POTIGUARA E TABAJARA DA PARAÍBA

THE MYTH AND RITUAL IN THE INDIGENOUS SPIRITUALITY: A VIEW FROM THE POTIGUARA AND TABAJARA OF PARAIBA

Anne Emanuelle Cipriano da Silva¹
José Rodrigo Gomes de Sousa²

Resumo: A espiritualidade indígena, além de resgatar traços históricos e culturais de sua sociedade, também nos remete à sua prática ritual que, através da lembrança dos mitos, fortalece a espiritualidade ancestral de dois povos indígenas, como os Potiguara e os Tabajara. Na espiritualidade indígena, o sagrado é situado em muitas realizações do cotidiano e em celebrações mais ritualísticas como a roda do Toré. Deste modo, essa riqueza cultural é repassada às novas gerações. Este artigo tem como objetivo analisar a importância do mito e do rito na espiritualidade indígena dos povos Potiguara e dos Tabajara. Ao fazer a análise, conclui-se que dentro da espiritualidade indígena o mito e o rito são indissociáveis e necessários na prática espiritual.

Palavras-chave: Mito; Rito; Espiritualidade indígena.

Abstract: The indigenous spirituality not only rescues historical and cultural traces of its society but also brings us back to its ritual practice that strengthens the ancient spirituality of two indigenous peoples, such as the Potiguara and the Tabajara, by recalling some myths. In the indigenous spirituality the sacred is situated on daily realizations and on more ritualistic celebration like the wheel of Toré. Thereby, this cultural wealth is passed to the new generation. This article aims at analysing the importance of the myth and the ritual in the indigenous spirituality of the Potiguara and Tabajara peoples. By doing the analysis one may conclude that within the indigenous spirituality the myth and the ritual are inseparable and essential to the spiritual practice.

Keywords: Myth; Ritual; Indigenous spirituality.

Artigo submetido em 31/12/2016. Aprovado em 16/03/2017.

¹ Mestranda em Ciências das Religiões pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba — UFPB. anneapsi13@gmail.com

² Mestre em Ciências das Religiões pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba — UFPB. gomez20souza@gmail.com

Introdução

A espiritualidade indígena e sua compreensão do sagrado vão além da religiosidade institucionalizada e permeiam o cotidiano dos indivíduos. Há grande liberdade religiosa na cultura deste grupo étnico que assimilou em sua tradição ao longo da história elementos de outras religiões, incorporando tais elementos nas suas práticas espirituais sem com isso perder por completo sua identidade. Lançando um olhar aos fatos transcorridos com esses povos, observa-se que as tribos Potiguara e Tabajara tiveram trajetórias históricas e sociais diferentes, que algumas vezes se cruzam. A seu modo, cada uma foi ressignificando suas tradições, preservando a transcendência vivenciada através de seus mitos e ritos e, entre outras práticas, o ritual do Toré, que foi comumente conservada, tornando-se uma marca representativa da indianidade desses dois grupos.

De acordo com Boff (2001), a espiritualidade constitui-se um meio pelo qual o sujeito individualmente ou em grupo comunica-se com aquilo que considera sagrado e essa comunicação se dá através de manifestações e expressões de religiosidade/espiritualidade. De acordo com o autor, desde tempos remotos, ainda que com comunicação limitada, os seres humanos, em busca de respostas para questões existenciais, recorriam a entidades sagradas. A religião canalizou esta busca espiritual através dos dogmas, ritos, mitos, celebrações e preceitos, porém, a espiritualidade ultrapassa essas normas, devendo a religião estar a serviço da espiritualidade (BOFF, 2001).

Segundo Eliade (1972), a maioria das tribos e povos primitivos reconhece uma entidade suprema e criadora, principalmente os grupos que realizavam atividades como a caça e a colheita para sobreviverem. Ainda segundo o autor, para o *homo religiosus*, o essencial precede a existência e seu existir passa a ser autêntico a partir do momento em que lhe é transmitido a história dos primórdios, com os mitos da criação, visto que esses mitos transmitem não apenas a criação do homem, mas do universo, dos animais, das plantas e do que levou o homem à condição na qual se encontra, bem como aborda questões como a morte.

Desta feita, a espiritualidade está presente na história da existência humana, nas mais diversas culturas através dos mitos primordiais, sendo uma importante fonte de resiliência e organização social. Logo, vivenciar a espiritualidade trata-se de uma experiência subjetiva e transcendental, que pode vir a promover o bem-estar e a qualidade de vida. Boff

(2001, p. 12) considera que a espiritualidade é “uma das fontes primordiais [...] de inspiração do novo, de esperança avissareira, de geração de um sentido pleno e de capacidade de transcendência do ser humano”.

Stroppa e Moreira-Almeida (2008) consideram que a influência da religião/religiosidade na saúde mental do sujeito ocorre como resultado da junção de um conjunto de fatores. Entre os fatores, o suporte social é considerado pelos autores como capaz de influenciar possivelmente a qualidade de vida dos indivíduos religiosos, como também um sistema de crença, as práticas religiosas, orientação espiritual, a possibilidade de expressar sentimentos negativos e um estilo de vida próprio do grupo. Sendo uma das características básicas do ser humano a capacidade para estabelecer e manter relações sociais com seus semelhantes, a prática religiosa, além de favorecer, fortalece esse tipo de vínculo.

Grande parte da idiosincrasia reside em dar e receber informações, repassando entre o grupo os conhecimentos e particularidades da cultura na qual se está inserido. Entre os indígenas, isso em geral é realizado pelos anciões da tribo conhecidos como “troncos velhos”, pelos pajés ou pela pessoa do cacique que é a liderança do grupo, preservando assim a memória de um grupo, rememorando os mitos e a execução dos ritos (BARCELLOS, 2012). Este processo é comum às duas etnias.

De acordo com Farias (2011), os “troncos velhos” preservam em suas memórias a tradição do seu povo e, ao transmitir as recordações através das suas narrações, revelam as reminiscências coletivas colaborando, deste modo, para revigorar a autoafirmação do grupo em processo de reestruturação e fortalecimento da identidade cultural e religiosa dos mesmos. Para Eliade (1972), a memória pode ser considerada um tipo de conhecimento e, dentro do campo religioso, o autor considera que o indivíduo que é capaz de recordar desfruta de uma força que ele denominou de “mágico-religiosa”, sendo esta mais valiosa do que o conhecimento da origem das coisas.

Existem inúmeras formas de manifestações de religiosidade/espiritualidade indígenas e muitas delas passaram por mudanças. Os indígenas brasileiros sofreram muitas opressões ao longo da história, incluindo a proibição das práticas espirituais. Esta repressão por parte de grupos representativos de poder e lideranças concebidas por colonizadores, latifundiários, usineiros e empresários implicou em muitas mudanças na vivência religiosa e espiritual dos indígenas.

Historicamente, os caminhos dos Potiguara e Tabajara se cruzam diversas vezes (FARIAS, 2011) e ainda hoje possuem marcas desse legado que resultaram em perdas significativas das memórias, do idioma e das práticas espirituais. O mito e o rito da espiritualidade dos Potiguara e Tabajara do Estado da Paraíba são em sua maioria vivenciados na atualidade através do sincretismo, pois grande parte dos indígenas aderiram a religiões como o catolicismo e protestantismos, e, com isso, foi possível a fusão de elementos e práticas às crenças desses povos (BARCELLOS, 2012; FARIAS, 2011).

Deste modo, resgatar as memórias da espiritualidade indígena neste estudo se torna instigante e permite uma reflexão de conceitos e vivências da experiência religiosa na atualidade. Portanto, a importância desse estudo consiste em compreender o mito e o rito da espiritualidade a partir da visão dos Potiguara e Tabajara, povos indígenas do Estado da Paraíba. O mito, por muito tempo, ficou esquecido nas memórias dos indígenas, especialmente da tribo Tabajara, que tiveram que buscar refúgio nas periferias da capital e das cidades vizinhas (FARIAS, 2011), deixando de lado toda uma herança cultural que na atualidade está sendo gradativamente resgatada, enquanto que os Potiguara puderam manter um pouco mais de sua identidade e suas práticas ritualísticas e espirituais.

1. Mito na visão dos Potiguara e Tabajara

Cada sociedade tem seus mitos; alguns são próprios, outros são absorvidos de outras culturas e ao longo do tempo são personalizados ganhando características da própria sociedade onde é cultivado. A palavra “mito” vem do grego *Mythos* que significa lenda, invenção, relato imaginário, discurso. Na visão de Eliade (1972), o cerne do mito é a origem das coisas, seus primórdios, e o autor considera que tamanha é sua importância como um norteador para determinado grupo, que o mito deve ser compreendido através de uma perspectiva histórico-religiosa. O mesmo admite ser grande a complexidade de se conceituar o mito devido à subjetividade e à impossibilidade de fazer com que possa ser definido de tal forma que se torne acessível a pessoas leigas e estudiosas, que abarque todos seus tipos e funções e, portanto, o autor citado prefere compreender que o mito é como uma história sagrada que tem como objetivo narrar uma ocorrência em um tempo fantástico e primeiro (ELIADE, 1972).

Em algumas culturas, o mito é concebido como algo real que aconteceu ou irá acontecer, logo se torna funcional, refletindo acerca da ótica da prática religiosa. Pode-se supor que o mito deixa de ser imaginário quando se consolida no rito. Para os indígenas não é diferente. Sua cultura, espiritualidade e prática religiosa estão envolvidas com o sagrado e isso transcende nas ações do dia-a-dia. Barcellos (2012, p. 45) assevera que “[o] mito é o responsável pela forma como a sociedade indígena se reproduz na maneira de ser, viver e de morrer. Detém as verdades das coisas e procura perpetuá-las para não serem esquecidas”. Na tradição indígena, essa vivência peculiar os coloca em uma atmosfera onde suas decisões particulares e comunitárias são tomadas a partir do que foi suscitado pelo sagrado. Já para Eliade (1972), vivenciar os mitos implica em uma experimentação religiosa.

Segundo Souza e Nascimento (2011), o povo Potiguara teve sua cultura e identidade completamente afetadas no processo de colonização e, simbolizando estas perdas, está a parcial descaracterização do ritual do Toré, um dos símbolos dessa etnia, bem como o ritual da Jurema, que foi proibido pela Igreja Católica no período da colonização. Ainda de acordo com os autores, esse grupo indígena figurou destaques na história do descobrimento do Brasil e muitos conflitos no âmbito histórico-geográfico. Atualmente, sua população se encontra distribuída em 32 aldeias no Litoral Norte do Estado da Paraíba.

O povo Potiguara, que na língua tupi tem o significado de “comedores de camarão”, apresenta uma sensibilidade espiritual para perceber a natureza e seus elementos como sagrado, sentem-se filhos da terra. Possuem mitos da criação dos seres humanos e dos principais elementos da natureza e compreendem alguns acontecimentos da natureza (por exemplo: chuva, seca) como punição ou benção e isso vem no discurso dos antepassados, sendo repassado pela tradição oral e determinando o que é bom ou mal para aquele grupo. (SILVA, 2011).

Muitos são os mitos presentes na religiosidade Potiguara, porém, os mais influentes são entidades encantadas ligadas de algum modo à natureza e com função de protegê-la. De acordo com Silva (2011), os seres místicos mais citados e respeitados nas aldeias são: a mãe d’água; “cumadefulôzinha”, que é uma índia menina que protege os animais; o pai do mangue; o boitatá, que é simbolizado por uma cobra ou um boi de fogo; e o gritador que, segundo a crença popular, não é uma entidade específica como os demais, mas o espírito de alguém que morreu de um modo trágico (acidente, assassinato), que fica na beira da estrada e “grita” aos transeuntes. Ainda segundo o autor, esses entes encantados sempre têm

características físico-humanas, atuam como protetores dos animais, das águas e da natureza de modo geral, podendo fazer o bem ou o mal aos indivíduos que não respeitarem esses elementos.

Conforme Eliade (1972), a vivência do mito, caracterizada por ele como experiência puramente religiosa, tem em sua funcionalidade a reatualização do mito, o que Eliade considera vital para a humanidade, visto que tal prática foi utilizada por religiões primitivas para orientar o sujeito e o grupo, impondo regras práticas e códigos morais a serem seguidos. Recitando ou ouvindo um mito, retoma-se o contato com o sagrado e com a realidade, não havendo necessidade de que ele seja explicado racionalmente (SILVA, 2011). Os Potiguara preservam e reatualizam os seus mitos por meio da oralidade através da contação de fábulas e histórias míticas por entre as gerações e, deste modo, é que o mito ganha uma importância real na realidade das pessoas que compõem essa comunidade.

Já os Tabajara, por serem um grupo que permaneceu disperso por longo tempo entre o litoral sul do Estado da Paraíba e os bairros da periferia da capital, quase foram considerados extintos. Conforme Farias (2011), atualmente essa etnia vem resgatando a própria história, buscando por seu povo, suas terras e seus costumes através de encontros onde procuram reunir e sensibilizar os indígenas da importância e da complexidade desse processo de valorização e recuperação sociocultural. Tal como para os Potiguara, os mitos e as profecias são transmitidos pela oralidade; para os Tabajara, através de cânticos e histórias contadas pelos “troncos velhos” (BARCELLOS; FARIAS, 2012) no resgate e na reafirmação de suas memórias. Esse processo de ressignificação tem uma conotação imperativa para a etnia Tabajara e grande parte dos mitos presentes na crença popular são os mesmos da etnia Potiguara, com relevância para os espíritos da natureza e os espíritos dos antepassados (BARCELLOS; FARIAS, 2012).

A força do mito ainda na atualidade é muito forte, apesar de toda influência sofrida pelos índios e por outras religiões no grupo. Isso pode ser observado na história de vida do atual líder da aldeia, o cacique Ednaldo, cuja família teve que partir em busca de melhores condições de vida para o estado de Alagoas, retornando após alguns anos e deixando lá o filho Ednaldo que demonstrava grande talento para o futebol, até surgir uma oportunidade de contrato fora do Brasil. Por este motivo (o convite para jogar no exterior), resolveu visitar os familiares no litoral paraibano para se despedir e, por ocasião desta visita, tomou conhecimento da profecia relatada por um “tronco velho” (ancião) da sua família sobre o

reavivamento do seu povo com o resgate das suas tradições através da liderança de um jovem que tomará a terra perdida pelo povo Tabajara. Tal fato fez o jovem desistir do sonho de ser jogador e permanecer no estado da Paraíba para concretizar o que foi profetizado (FARIAS, 2011).

Os Tabajaras têm ainda uma peculiaridade na sua trajetória devido às batalhas e conflitos históricos, onde se destaca o líder Piragibe (“braço de peixe”), trazendo o mito com traços de herói também mencionado por Eliade (1972). A crença no que foi profetizado fez o líder incorporar o mito heroico, em detrimento ao cumprimento de uma profecia, assumindo a liderança e a reivindicação do território e dos direitos do seu povo provocando e estimulando o ajuntamento dos indígenas espalhados em torno da causa, reavivando a esperança e novamente cruzando o caminho com o povo Potiguara (FARIAS, 2011). O mito do sujeito profético mobilizou o grupo e, deste modo, a profecia assume um papel importante no processo atual de reavivamento étnico, cultural e espiritual para os Tabajara.

O mito é necessário para a sobrevivência e norteamo de um povo e, conforme Eliade (1972), onde estiver o homem com consciência de realidade haverá nele a necessidade de um mito. Segundo Farias (2011), os Tabajara vivenciaram um esquecimento das tradições por fatores externos e sociais. Muita coisa se perdeu ao longo da história e o que sobreviveu foi graças ao sincretismo religioso e ao resgate pela memória do povo, pois o tempo, segundo Eliade (1972), está entrelaçado com o mito e é uma construção subjetiva de somas. Ainda de acordo com o autor em tela, o mito é capaz de transpor o homem do seu tempo e projetá-lo simbolicamente no que denominou de “Grande Tempo”, sendo o mito uma interrupção do tempo-real no qual o sujeito está inserido para o tempo sagrado, sendo o mito a passagem para essa experiência.

Os povos indígenas Tabajara e Potiguara utilizam o mito como sustentação para sua fé e religiosidade, bem como para integração do seu povo. O mito está totalmente ligado ao rito (BARCELLOS, 2012). Para Eliade (1972), a memória é a vivência do mito através do rito e o mito, ao ser contado, vivifica o rito e vice-versa. Através do mito pode-se efetivar inúmeras relações entre fantasias e realidades, entre os seres humanos e elementos da natureza, ou tantos outros comparativos que dariam margem a reflexões (ELIADE, 1972). Mito, na concepção de Silva (2011), estabelece e consolida a crença nas entidades sagradas e nos

seus feitos. Consequentemente revigora a cultura indígena, fortalecendo o grupo através do reavivamento em cada indivíduo, seja ela na visão Tabajara, seja na Potiguara.

A visão Potiguara e Tabajara sobre o mito é reatualizada igualmente pela verbalização, considerando as informações repassadas pela memória dos “troncos velhos” através das gerações como ingrediente fundamental para manutenção do mito. Para Eliade (1979), o mito tem a função de narrar a origem do mundo, do homem, do animal, do fogo, da guerra etc., podendo esta função em geral representar concepções coletivas de algum acontecimento. O autor considera inclusive que os mitos escatológicos giram em torno não do fim em si, mas de um novo começo. Os dois povos valorizam os elementos da natureza presentes em muitos mitos da tradição indígena, sendo eles importantes na prática ritualística dos mesmos e na afirmação de sua identidade.

2. Rito na visão dos Potiguara e Tabajara

A palavra “rito” vem do latim *ritus* que significa ordem estabelecida, ou do grego *artus* que denota adaptar, harmonia, junção. Para Vilhena (2005), o rito reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, a junção entre as partes e o todo. O termo “rito” difere de rituais. O rito é a prática celebrativa de vários rituais religiosos, é uma sucessão de gestos, atos e palavras, e o ritual é a forma de praticar o rito. Assim, o rito possui múltiplos significados que são vivenciados pela iniciação, cerimônia, passagem, exclusão e outros. De acordo com Farias (2011), o rito pode ser um modo de legitimar um grupo atuando como elemento de ligação para o grupo, favorecendo o desenvolvimento dos papéis sociais, ofertando muitas possibilidades de realização ao sujeito enquanto parte atuante do grupo.

Não há rito sem mito e, para os indígenas, isso é algo forte em sua relação com o sagrado e promove um alicerce à espiritualidade. Tanto os Potiguara quanto os Tabajara vivenciam os ritos em suas comunidades com suas peculiaridades. Eles exaltam a Mãe Natureza e os deuses através dos cânticos, das danças, oferendas e cultos. O rito é a parte prescrita da religiosidade; ele necessita de contexto espacial, temporal e finalidade para sua ocorrência (BARCELLOS, 2012; FARIAS, 2011). Os indígenas praticam vários rituais, cujas celebrações evocam períodos da caça, colheita, pesca etc., rito de cura do corpo, proteção contra maus espíritos e a busca pela ordem e movimento são elementos constitutivos dos rituais.

Os Potiguara apresentam diversos repertórios ritualísticos sagrados em seu cotidiano (SILVA, 2011), desde ritos menores, como a benzedura contra o mau-olhado, a oração como pedido de permissão para entrar na água, para colher as ervas, para caçar e pescar, até ritos maiores, como casamento entre indígenas, funerais e a dança do Toré, que é um ponto alto desta retratação espiritualista das duas etnias. A dança do Toré — através de seus cânticos, os instrumentos, a dança, a pintura no corpo, a disposição das pessoas no círculo e sua hierarquia dentro da roda, as vestimentas, as ocasiões em que esse rito acontece, a liturgia que é utilizada e a crença na sua importância — ressalta a relevância desse rito para a preservação da indianidade desses grupos e a garantia da transmissão da identidade cultural através das gerações.

O grupo dos Potiguara teve maiores oportunidades de preservar em seu grupo parte da sua tradição espiritual ritualística, mas os Tabajara estão em busca do resgate das tradições reunindo os indígenas dispersos pela periferia da cidade de João Pessoa e de cidades circunvizinhas, bem como a retomada do idioma e da prática do Toré, como foi mencionado anteriormente. Ainda que os indígenas tenham aderido a outras denominações religiosas, como o catolicismo e o protestantismo, essas práticas são significantes para a autoafirmação do grupo. Sobre isso, Barcellos e Farias (2012) asseveram que:

O povo Tabajara por está vivenciando um processo de reelaboração do ritual do Toré, com suas tradições, suas histórias, da pintura corporal e do artesanato. Sua história na atualidade está permeada por um sincretismo religioso. Sincretismo esse que envolve a prática de pentecostalismo, do catolicismo e do ritual do Toré. Como a maior parte dos indígenas é protestante, não acreditam em espíritos e no ritual há certa concentração nos espíritos dos ancestrais, esse fator tem gerado desconforto no grupo.

(BARCELLOS; FARIAS, 2012, p. 52)

De acordo com Farias (2011), para os Tabajara este rito específico, o Toré, está passando por um processo de reelaboração utilizando elementos do catolicismo e do pentecostalismo a partir do sincretismo religioso. Os rituais são formas de atualização das tradições, compõem a identidade cultural dos povos e, ainda que outros elementos sejam agregados, incorporados aos rituais, isso não o desvaloriza, pois os ritos têm uma função pedagógica entre os grupos que vai repassando seus conhecimentos aos mais novos. Desta forma, os Tabajara estão reavivando sua identidade cultural e espiritual, reunindo o grupo e celebrando de acordo com seus antepassados, reavivando a memória.

Para Barcellos (2012), o rito é elemento de comunicação, formação e agregação para a etnia Potiguara, estando presente como prática educativo-religiosa para este grupo contribuindo para a formação da identidade do sujeito e do grupo fomentando as relações comunitárias. Como rito mais presente na etnia Potiguara, o Toré foi usado simbolicamente em momentos de resistência e mobilização do grupo na luta por seus direitos e em datas celebrativas, abarcando todas as dimensões na qual o grupo transita (social, política, econômica, étnica, cultural etc.). Ainda de acordo com Barcellos (2012), atualmente orações como o Pai Nosso e hinos cantados ao som do maracá foram incorporados ao Toré, porém, ainda é dançado com os pés na terra em respeito à ligação que os índios têm com esse elemento da natureza.

De acordo com Eliade (1972), durante as cerimônias rituais, os sujeitos têm a possibilidade de reproduzir, de forma consciente e com detalhes, atos simbólicos que foram realizados anteriormente por seus ancestrais, revivendo assim o mito em comunidade. Assim sendo, os rituais são compostos por ritos menores, cujas cerimônias religiosas são elaboradas e reelaboradas pelas tradições para celebrar momentos importantes na vida dos simpatizantes. Sobre isso, Barcellos (2012) afirma que:

O rito marca ritmicamente o dia-a-dia, os tempos, as estações, os lugares, cada pessoa. Assim, dentro de uma cultura determinada, cria um campo simbólico que possibilita fomentar valores e estabelecer relações. O rito tem como finalidade estabelecer o ser humano ou a comunidade no seu habitat, na sua práxis, possibilitando encontrar-se, criar e recriar seus costumes, paixões, hábitos, valores. O rito atualiza e faz reviver a tradição indígena porque contempla toda a realidade da etnia

(BARCELLOS, 2012, p. 50-51)

Os Tabajara sofreram grandes enalços e foram levados a reprimir suas tradições religiosas, especialmente ao terem que se deslocar para as cidades em busca de sobrevivência. A retomada das práticas religiosas pode ser uma possibilidade para o fortalecimento da identidade indianista para esse povo. Farias (2011, p. 52) assevera que “[é] na prática do rito que o grupo restaura os elementos perdidos, restabelece a integração, a sintonia com o próximo, consigo e com a divindade”, possibilitando, através da prática religiosa, a reintegração cultural e social deste povo.

Estando os ritos fundamentados em elementos simbólicos, ganham força e representatividade através da dança, dos cantos, da pintura corporal e dos produtos da

natureza que oferecem essa tinta como o urucum, por exemplo, das vestimentas de palha, acessórios artesanais e outros elementos importantes na atualização do mito e manutenção do rito (SILVA, 2011). Os Tabajara e Potiguara vivenciam em sua espiritualidade outras práticas religiosas, seja por escolha, seja por imposição. Esses elementos também foram transmitidos às gerações posteriores. Conforme Silva (2011), o Toré é atualmente um dos rituais mais expressivos da tradição indígena que mantém ativa na memória ritualísticas dos Tabajara e Potiguara.

Compreende-se que o mito e rito são indissociáveis e necessários na prática espiritual indígena. Considerando que o rito só existe se houver o mito, o mito precisa da prática do rito para sobreviver, renovar-se e ser transmitido para novas gerações. Esses por sua vez, geram a prática religiosa propriamente dita, unindo o sujeito e/ou o grupo em torno do sagrado, fortalecendo assim sua identidade.

3. Espiritualidade indígena

A espiritualidade pode ser considerada uma fonte de resiliência e apoio. De acordo com a pesquisa realizada por Moreira-Almeida et al. (2006), há evidências suficientes para afirmar que a prática religiosa regular está associada ao bem-estar, à qualidade de vida e a fatores positivos. Na visão de Boff (2001), a espiritualidade é capaz de produzir mudanças no ser humano, proporcionar benefícios e oferecer um sentido para a vida.

Segundo Koenig (2012), muitas pessoas enfrentam situações difíceis em suas vidas com a ajuda e o suporte de suas crenças e práticas religiosas. Ele cita diversos estudos onde pessoas relataram que a fé e as orações eram úteis e potencialmente eficazes, bem como no sentido de suporte social pelo fato de haver grupos envolvidos neste apoio.

Para os Tabajara, o encontro religioso através da fé em uma profecia motivou a reunião de alguns deles e marcou o início da retomada das práticas religiosas e de reafirmação da fé, reunindo as famílias, retomando costumes dos antepassados e revitalizando a tradição através da espiritualidade (FARIAS, 2011). Já os Potiguara vivenciaram com menor impacto este movimento de retomada religiosa com suas orações e realizações do Toré para reafirmação de sua fé e espiritualidade, motivando suas conquistas políticas e movimentos sociais até os dias atuais (SILVA, 2011).

De acordo com Oliveira e Formiga (2013), a espiritualidade promove nas pessoas ampla possibilidade de sustentação e enfrentamento para mudanças e acontecimentos significativos. É válido considerar que os indígenas Tabajaras e Potiguaras recorreram às práticas religiosas como apoio nas grandes adversidades secularmente vivenciadas e como enfrentamento para a retomada da tradição na atualidade.

Deste modo, a espiritualidade destes povos transcende na busca pelo sagrado e aspira ao contato, ao respeito com a natureza e à manutenção da memória de seus antepassados. Em suas práticas religiosas, os indígenas se reaproximam de rituais antes adormecidos em suas memórias, retornam o lugar das furnas, das ocas, das matas ou mesmo levam suas culturas para as práticas religiosas hoje vinculadas às suas comunidades.

Atualmente os Tabajara, em sua maioria, são adeptos do pentecostalismo e, conforme Farias (2011), no processo de reelaboração de suas tradições (a pintura corporal, o uso de colares e braceletes, a fabricação de artesanato) e do ritual do Toré, têm causado convergência e divergências entre eles devido a elementos religiosos como a invocação a espíritos ancestrais presentes na prática do Toré, que não é compreendido pelo Pentecostalismo, gerando assim, por exemplo, um constrangimento. Já os Potiguara, em sua prática religiosa no catolicismo, incluíram a prática ritualística do Toré, que através da dança e dos cânticos, com os corpos pintados, vão ganhando lugar em novos espaços religiosos (SILVA, 2011). Sobre isso, Barcellos (2012) faz a seguinte reflexão:

As sombras das árvores são locais que se transformam em local de culto para os evangélicos realizarem suas práticas religiosas, assim como lugar de se dançar o Toré. Não existe apenas um único lugar sagrado para essas práticas. Dependendo das circunstâncias, qualquer ambiente pode se tornar um espaço sagrado para isso

(BARCELLOS, 2012, p.152)

Assim a espiritualidade é percebida por Boff (2001) como experiência íntima que pode ser canalizada pelo rito, pela religião, pela comunhão com o grupo, pois, de acordo com o autor em tela, o desenvolvimento espiritual implica no desenvolver de uma escuta contemplativa das mensagens implícitas ao redor do sujeito em seu cotidiano. Desta feita, a vivência espiritual, através dos mitos e ritos, favorece a integração grupal e étnica, proporciona mobilização e mudança no indivíduo como um todo desde a sua cognição, até

seu comportamento social, pois o afeta integralmente e isso repercute no grupo onde o mesmo está inserido.

Considerações finais

Os povos indígenas Potiguara e Tabajara possuem uma espiritualidade ligada de forma muito íntima aos mitos e ritos. Essa é uma marca forte nestes povos que pintam seus corpos com símbolos da natureza, crendo que isso protege os seus corpos, que apreciam beber e comer do que é oferecido pela natureza, que resgatam tradições ancestrais como o casamento entre os grupos, a confecção de artesanato com elementos encontrados na comunidade, o respeito aos anciões, a valorização da terra, o cuidado comunitário com as crianças, a tradição religiosa, entre outras peculiaridades, mesmo que estejam familiarizados a elementos da Modernidade e façam uso dos recursos que na atualidade se fazem necessário como, por exemplo, o aparelho celular e o computador.

Após tantas lutas e confrontos entre si, esses dois povos se cruzam novamente e iniciaram uma nova fase, tendo o fortalecimento dessa união a partir da prática espiritual e nas tradições religiosas através do rememoração dos mitos e da vivência dos ritos, reforçando o quanto tais elementos são fundamentais e oferecem sentido para a vida destas etnias, trazendo à tona a importância da espiritualidade como elemento central, cultural e norteador para estes povos.

Referências

BARCELLOS, Lusival. *Práticas educativo-religiosas dos POTIGUARA da Paraíba*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

_____; FARIAS, Eliane. *Memória Tabajara: manifestações de fé e de Identidade étnica*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FARIAS, Eliane Silva. *MEMÓRIA TABAJARA: Manifestações de fé e identidade ética*. 2011. 172 páginas. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), UFPB. João Pessoa, PB.

FORMIGA, R. I. D. M.; OLIVEIRA, A. K. M. Percepção do sentido de vida da pessoa idosa após a aposentadoria. In: FORMIGA, Regina Irene Dias Moreira et al. *Envelhecimento e Longevidade: Uma visão Interdisciplinar*. João Pessoa: UNIPE, 2014.

KOENIG, Harold G. *Medicina, religião e saúde, o encontro da ciência e da espiritualidade*. Porto Alegre: L&P, 2012.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LOTUFO NETO, Francisco; KOENIG, Harold. Religiousness and mental health: a review. In: *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 28, n. 3, São Paulo, set. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000300018>.

SILVA, Almir Batista. *Religiosidade potiguara: tradição e ressignificação de rituais na aldeia São Francisco. Baía da Traição - PB*. 2011. 147 páginas. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), UFPB. João Pessoa, PB.

SOUZA, Rosineide Marta Maurício. NASCIMENTO, José Mateus do. A jurema no ritual Torédos Potiguara. In: *Anais do V Colóquio Internacional "Educação e contemporaneidade"*, 2011, São Cristóvão-SE. Sergipe: Editora da UFS, 1-9, 2011.

STROPPIA, André; MOREIRA-ALMEIDA, Alexandre. Religiosidade e saúde. In: SALGADO, M. I.; FREIRE, G. (orgs.). *Saúde e espiritualidade: uma nova visão da medicina*. Belo Horizonte: Inede, 2008, p. 427-443.

VILHENA, Maria Ângela. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005.